

Pena de Morte

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

A pena de morte é especificada tanto no Antigo Testamento (Gênesis 9:6 ^a) como no Novo Testamento (Romanos 13:4 ^b). Ela é implicada em Gênesis 4:14 ^c e aprovada em Atos 25:11 ^d. A pena capital é, portanto, uma parte integral da ética cristã.

Esforços contemporâneos para abolir a pena de morte procedem de uma visão não-cristã do homem, uma teoria secular da lei criminal e uma baixa estima do valor da vida.

A avaliação inferior da vida humana ocorre na penologia liberal que sustenta ser a lei criminal somente para o propósito de reabilitação. Não somente o liberalismo pensa que o assassinato de um ser humano é um crime muito pequeno para justificar a execução; a teoria também implica consistentemente que nenhum crime jamais deveria ser punido. A justiça e a punição são depreciadas como “vingança irracional”. Esta é a diferença básica entre ética cristã e liberal. Dessa forma, ela pode ser resolvida somente por uma decisão sobre princípios últimos, a saber, se ou não as normas éticas foram estabelecidas pelo decreto divino, e secundariamente, quais obrigações Deus conferiu ao governo civil.

Os argumentos liberais são superficiais. Um deles é que a pena capital não dissuade ninguém. Obviamente ela dissuade o criminoso executado. Se ela não dissuade a outros, a réplica é que a lei pode não dissuadir, mas a sua aplicação sim. Em 1968 houve 7.000 assassinatos e nenhuma execução; em 1969 houve 8.500 assassinatos e nenhuma execução; e em 1970 cerca de 10.000 assassinatos e nenhuma execução. Mas se a lei tivesse sido aplicada, e 5.000 assassinos tivessem sido executados em 1968, e 7.000 em 1969, poderia alguém duvidar que haveria menos que 10.000 assassinatos em 1970?

Um argumento pior é que somente os pobres são condenados e os ricos escapam. Realmente as cortes judiciais são tão benevolentes e o público tão permissivo que quase todo mundo escapa. Contudo, se as objeções fossem verdadeiras, a resposta não seria abolir a pena de morte e deixar a quantidade de assassinatos continuar ascendendo, mas seria colocar juizes honestos nas

^a “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem”.

^b “Visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal”.

^c “Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua presença hei de esconder-me; serei fugitivo e errante pela terra; quem comigo se encontrar me matará”.

^d “Caso, pois, tenha eu praticado algum mal ou crime digno de morte, estou pronto para morrer; se, pelo contrário, não são verdadeiras as coisas de que me acusam, ninguém, para lhes ser agradável, pode entregar-me a eles. Apelo para César”.

tribunas e nos bancos jurados que tenham mais compaixão pela vítima do que pelo criminoso.

O argumento mais impressionante é que algumas vezes um homem inocente pode ser executado. Novamente, com a nossa presente corte judicial, isto nunca ou quase nunca acontece. Até mesmo assassinos como Sirhan Sirhan^e, cujo ato foi visto por dezenas de testemunhas, não são executados. Todavia, se apenas um homem inocente for executado... ? Você prefere que 10.000 assassinatos salvem um inocente do que uma tragédia salve 5.000 vidas? Mas certamente este tipo de argumento é superficial e irrelevante. Deus deu o direito de pena de morte ao governo humano. Ele pretendia que ele fosse usado sábia e justamente, mas pretendia que fosse usado. A abolição da pena de morte pressupõe a falsidade dos princípios cristãos.

Fonte: *Essays on Ethics and Politics*, Gordon H. Clark, Trinity Foundation, p. 10-11

Sobre o autor: Gordon Haddon Clark (31/8/1902 – 9/4/1985), filósofo e teólogo calvinista americano, foi o primeiro defensor do conceito apologético pressuposicional e presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Butler durante 28 anos. Especialista em Filosofia Pré-socrática e Antiga, tornou-se conhecido pelo rigor na defesa do realismo platônico contra todas as formas de empirismo e pela afirmação de que toda a verdade é proposicional e pela aplicação das leis da lógica.

Para saber mais sobre esse gigante da fé cristã, acesse a seção biografias do site *Monergismo*

^e Nota do tradutor: Assassino do senador Robert F. Kennedy.